

Ecologias Decoloniais: Crises e Insurgências para novos horizontes emancipatórios ecológicos

José Batista Franco Junior¹

João Mouzart de Oliveira Junior²

As tempestades se intensificam e os mares, outrora calmos, agitam-se em protestos. Vivenciamos, portanto, tempos de incertezas. A terra clama por justiça, e as vozes das comunidades tradicionais ecoam como sussurros de sabedoria, revelando horizontes emancipatórios que desafiam as estruturas do passado, ainda latentes nas relações sociais, tanto locais quanto globais. As percepções sensoriais emergem, permitindo-nos perceber que as florestas murmuram histórias, os rios guardam memórias e cada elemento da natureza nos convida a refletir: qual é o nosso papel nesse grande mosaico? Como podemos, juntos, reconstruir as relações rompidas pela lógica do consumo desenfreado? Somos convocados a pensar em alternativas que possam adiar o fim do mundo. Ademais, as comunidades, com suas práticas enraizadas e cosmovisões, desafiam a lógica hegemônica que marginaliza saberes fundamentais, os quais têm sido cruciais para a preservação ecológica por séculos.

Nessa interface, recordamos as palavras de Ailton Krenak: “a natureza é uma narrativa viva” (Krenak, 2018, p.37). Cada árvore, cada rio e cada ser tem uma história que nos conecta. Aguçar nossos sentidos potencializa nosso olhar sobre práticas e escolhas, instigando-nos a integrar múltiplas epistemologias que promovam um diálogo que valorize a diversidade de saberes e experiências. Embora os horizontes emancipatórios se desenhem em um céu carregado, desafiando os impactos provocados por diferentes sociedades ao longo da história, eles se intensificaram com

¹ Doutorando vinculado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Email: josebfrancojunior@usp.br

² Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. Doutorando vinculado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Email: joaomouzart@usp.br

o desenvolvimento do capitalismo voraz, que devora recursos e silencia vidas.

Nesse contexto, as ecologias decoloniais nos instigam, propondo uma visão integrada que reconhece a interdependência entre humanos e não humanos. A verdadeira emancipação não é apenas uma questão de direitos, mas uma reconexão profunda com a essência dos mundos possíveis. Emancipar-se é mais que lutar; é reconectar-se com a terra e ouvir o pulso da vida que se revela no contato com cada montanha e em cada gota d'água. É tempo de sensibilizar e cultivar uma nova consciência política que nos inspire a sonhar coletivamente e a construir estratégias para a manutenção da vida.

Assim, a urgência se faz presente. Os movimentos anticoloniais permitem ouvir vozes silenciadas, abrir espaços à diversidade de saberes e cultivar uma prática de respeito à diferença, alicerçada em atos de resistências e escolhas conscientes que abrem caminhos para o futuro, onde justiça e a sustentabilidade se entrelaçam como raízes no solo fértil. Portanto, reimaginar nosso lugar nesse vasto sistema planetário implica compreender que cada ser e cada elemento é parte de um todo vibrante. Nessa prática viva, cada passo dado em direção a esse horizonte torna-se um manifesto, um grito que ecoa nos ventos, um compromisso com a nossa existência, uma dança de esperança, onde juntos podemos construir o que ainda parece distante, mas é possível: um mundo onde todos floresçam, onde a terra seja nossa casa e a liberdade, nosso destino. Essa jornada estabelece um compromisso, um dever e um legado com as gerações futuras.

O leitor deste dossiê tem em suas mãos um material distinto em sua abordagem. Inicialmente, a proposta era se aprofundar na relação entre meio ambiente e questões raciais. No entanto, à medida que recebemos os textos, as perspectivas se ampliaram, abrangendo outros campos das ecologias decoloniais. Essas novas perspectivas servem como uma lente crítica para entendermos as dinâmicas de interações nos diferentes sistemas ecológicos. Embora as experiências das comunidades se manifestem de maneiras diversas em diferentes continentes, evidenciando par-

ticularidades históricas, culturais e sociais, essa interação entre comunidades racializadas e seus ambientes naturais revela desafios e práticas adaptativas que oferecem perspectivas únicas sobre a sustentabilidade.

O estado atual do nosso planeta é marcado por uma crescente crise, manifestando-se em eventos climáticos extremos, perda de biodiversidade e a erosão de modos de vida tradicionais. As sociedades que historicamente mantêm uma relação respeitosa e sustentável com o seu habitat são frequentemente mais impactadas por essa exploração licenciosa. Nas palavras de Malcom Ferdinand, somos desafiados a escutar as narrativas de comunidades que, em suas vivências diárias, oferecem modelos de resistência e preservação da vida, além de convocar à reflexão e a ação (Ferdinand, 2022). Ao explorar estas páginas, somos chamados a reconhecer a urgência de apoiar as atrizes e atores sociais que defendem a terra e suas práticas ancestrais, permitindo que a sabedoria ancestral nos inspire a construir horizontes emancipatórios, onde todos os seres possam florescer em harmonia com a natureza, rescrevendo a narrativa do nosso futuro em sintonia com o mundo ao nosso redor.

Neste dossiê, deparamo-nos com um conjunto de questões cada vez mais urgentes diante do colapso socioambiental que ameaça o planeta. As agressões sistêmicas aos ecossistemas, recursos naturais e modos de habitar revelam a fragilidade de um sistema que privilegia a exploração em detrimento da sustentabilidade. É imprescindível propor uma reavaliação crítica das estruturas que sustentam o capitalismo, colonialismo e o patriarcado.

Nesse contexto, é fundamental explorar as formas alternativas de modos de vida e de organização social que emergem dessas comunidades: modelos de autogestão, economia solidária e prática de cuidado coletivo oferecem caminhos que desafiam a lógica capitalista e patriarcal. Esses exemplos não apenas subvertem as hierarquias de poder, mas também promovem um novo entendimento sobre os processos de interação, enfatizando a responsabilidade compartilhada pelo

bem-estar do planeta. Ao nos aprofundarmos nesse universo, somos instigados a compreender a urgência de conhecer e de apoiar essas alternativas como possibilidades de esperar o futuro.

Nas palavras de Eduardo Viveiros de Castro, o que é a cultura senão uma tentativa de se entender e se relacionar com o mundo? (Viveiros de Castro, 2022). Partindo desse entendimento, somos instigados a refletir sobre caminhos que possibilitem desconstruir hierarquias de saberes, reconhecendo práticas fundamentais para a leitura de mundo, seja através da análise sobre a utilização medicinal da *Cannabis Sativa*; os métodos de transição ecológica que ressignificam práticas e a vida no sertão de Pernambuco; as reflexões acerca dos deslocamentos ambientais na América Latina e no Caribe ou talvez conhecendo as vozes da luta feminina e indígenas inseridas na Bacia Amazônica. Esses repertórios de existência abrem espaço para pensarmos sobre como podemos desconstruir hierarquias no campo das ciências humanas e sociais, especificamente na Antropologia, permitindo documentar e analisar de forma articulada as questões que envolvem a ecologia decolonial. Isso amplia as formas em que antropólogas(os) dialogam e traduzem realidades em constante transformação. Ao reconhecer as diferentes práticas e experiências, ampliamos nossa compreensão do mundo, considerando que cada perspectiva traz contribuições únicas e que o conhecimento não deve ser visto como algo unidimensional.

Referências Bibliográficas

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Tradução: Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2018, p.37.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2022.